

DIÁRIO GRÁFICO

ÀS MARGENS DA JAGUARÃO: VIAGEM ETNOGRÁFICA ENTRE OS CERROS E OS RIOS

To the margins of Jaguarão: ethnographic journey between the hills and the rivers

Profa. Dra. Flávia Maria Silva Rieth

Professora do Bacharelado em Antropologia e do Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR)

E-mail: riethuf@uol.com.br

Juliana dos Santos Nunes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas. Graduada no Bacharelado em Antropologia pela mesma universidade. Pesquisadora do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR)

E-mail: rodaviva.nunes@gmail.com

Joanna Munhoz Sevaio

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E-mail: jmsevaio@gmail.com

Vagner Barreto Rodrigues

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná

E-mail: vgnbrprt@gmail.com

Simone Fernandes Mathias

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR).

E-mail: simonefernandezpel@gmail.com

Airton Rodrigues Cardoso

Graduando em Antropologia/ linha de formação Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas

E-mail: airtonrodriguescardoso@gmail.com

Patrícia Santos da Rosa

Bacharela em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas

E-mail: psantosdarosa@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 9, p. 243-272, jul./dez. 2019.

ISSN 2447-9837





AS GRANDES ONÇAS

“Eu vos digo, em verdade, que nada sei de maravilhas embora trema ao falar de jaguarões. Talvez eu também seja daqueles que não tenham se dado conta de mistérios, que não guardem lembrança de milagres, que não se animem a comprovar magias. Mas, cada vez que venho aqui, sei que perco um pouco o coração; e que, no entanto, saio redivivo.”

Aldyr Garcia Schlee – Contos de Verdades.





INÍCIO DO PERCURSO

A atividade de extensão: Às Margens da Jaguarão: viagem etnográfica entre os cerros e os rios, foi realizada junto ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) no Bacharelado em Antropologia - UFPEL, em 23 de Junho de 2018.

É um trabalho coletivo de experiência etnográfica sobre as margens e fronteiras na cidade de Jaguarão/RS. Aqui buscamos trazer outras histórias e narrativas da cidade por meio de um encontro etnográfico sensível, posicionado na fronteira entre o Brasil e o Uruguay.



CONSTRUINDO O CAMINHO

Jaguarão, com seu posicionamento estratégico entre Brasil e Uruguai, é ponto de partida e de chegada para o encontro etnográfico, tendo como pressuposto que caminhar pela paisagem implica ir ao encontro de um mundo que ainda não está pronto, ou que ainda está por vir. (TURNER, 2018).

Para Tim Ingold (2015, p. 30):

"as coisas encontram-se a caminho de serem atualizadas, ou dadas. Essa vida não pode ser encontrada num registro de realizações, e tampouco pode ser reconstruída como um curriculum vitae, através do arrolamento de certos marcos fixados ao longo de uma rota já percorrida. Ela passa pelos marcos como um rio entre as margens, se afastando deles à medida que vai fluindo."





Tal como insinua Certeau (2007), os relatos assemelham-se a transportes coletivos, por meio dos quais se pode acessar as memórias espacializadas de um lugar. Como andarilhos, nos propomos a encontrar e descrever Jaguarão - e suas margens - levando em conta a diversidade de arranjos possíveis e a criatividade com que os moradores apropriam-se das cidades, por meio de seus caminhos, redes de apoio, religiosidades, becos sem saída, momentos de lazer, resistências, rotas de fuga e descaminhos. Assim, este breve relato etnográfico coletivo foi construído a partir da pretensão de se embarcar na história e nas narrativas sobre Jaguarão.



A construção dos trajetos da viagem a Jaguarão se deu coletivamente, agregando membros da comunidade, antropólogos, na maioria em formação, partindo de uma perspectiva para pensar as mais variadas formas de se viver, ouvir e ver a cidade (CERTEAU, 2007). Foi recomendada a realização de etnografia, por meio da elaboração de diários de campo, desenhos e fotografias, buscando registrar expressivamente a experiência de campo.



CERRO DA PÓLVORA

A primeira parada foi no Cerro da Pólvora, lugar onde se localiza a antiga Enfermaria Militar, construída para atender a classe militar da cidade, entre 1880 e 1883. O monumento chama atenção pela arquitetura eclética cravado no alto duma coxilha. O frio tocado pelo vento encontrou a todos, aquele frio de água, vindo direto do Jaguarão, aquele frio entrando carne adentro e que se sente em cidades banhadas por água. A história escondida nos escombros da Enfermaria traz a indagação que preencheu a viagem a Jaguarão: afinal, quem detém a História? E quem a constrói? O descompasso entre o que se conta e o que se vive está inscrito no concreto, que apaga e constrói narrativas sobre a cidade. Impressionou também o estado atual do prédio, oficialmente em desuso desde os anos 1970, que constitui como dupla negação: do direito dos sujeitos de usufruírem do espaço e do projeto que visava transformá-lo em um Centro de Interpretação do Pampa (CIP), em parceria com a Unipampa, abandonado após o corte de gastos públicos.



Fonte: Silvia Schumacher

A ENFERMARIA MILITAR E SEUS FANTASMAS

O zelador afirma que existem muitas histórias de fantasmas entre os funcionários e que alguns colegas já relataram ouvir barulhos estranhos, como madeira ranger. Outros relatam que ouvem vozes e narram a morte de pessoas que teriam caído após escalar uma parede ou torre da ruína. Mesmo assim, os turistas costumam passar e pedir para entrar e tirar fotografias. Em alguns dias, João gosta de subir – com a ajuda de uma escada de madeira – até a torre mais alta. De frente para o Jaguarão, no alto da ruína de uma Enfermaria Militar, vigia entre dois mundos, como quem guarda um Portal cheio de fósseis da cultura e fantasmas.



CERRO DAS IRMANDADES

No cerro das Irmandades podemos avistar a Ponte Internacional Mauá, com suas aduanas - brasileira e uruguaia - apesar do nevoeiro, assim como o rio e sua curva que caminha rumo à Lagoa Mirim.

Desse lugar pode ser vista toda a cidade e boa parte de Rio Branco (UY), além dos bairros vizinhos Pólvora, Fundação Barbosa e Vencato. Os cerros da Pólvora e das Irmandades são mirantes naturais, neles se avista e se controla a fronteira de uma Jaguarão fortificada.



CEMITÉRIO DAS IRMANDADES

Os mortos também contam suas histórias. A visita ao cemitério das Irmandades, conhecido por "cemitério dos ricos", foi nossa segunda parada.

Enquanto grandes mausoléus guardam os restos mortais de sobrenomes tão antigos como a escravidão, reproduzindo e mimetizando os casarões do centro da cidade, as sepulturas nas paredes de mulheres e homens negros, com pinturas feitas à mão, estão quase desaparecendo.

Na parte externa encontramos despachos de religião de matriz afro, marcando presenças e ressignificando o espaço.

O CEMITÉRIO E AS MÚLTIPLAS RELIGIOSIDADES





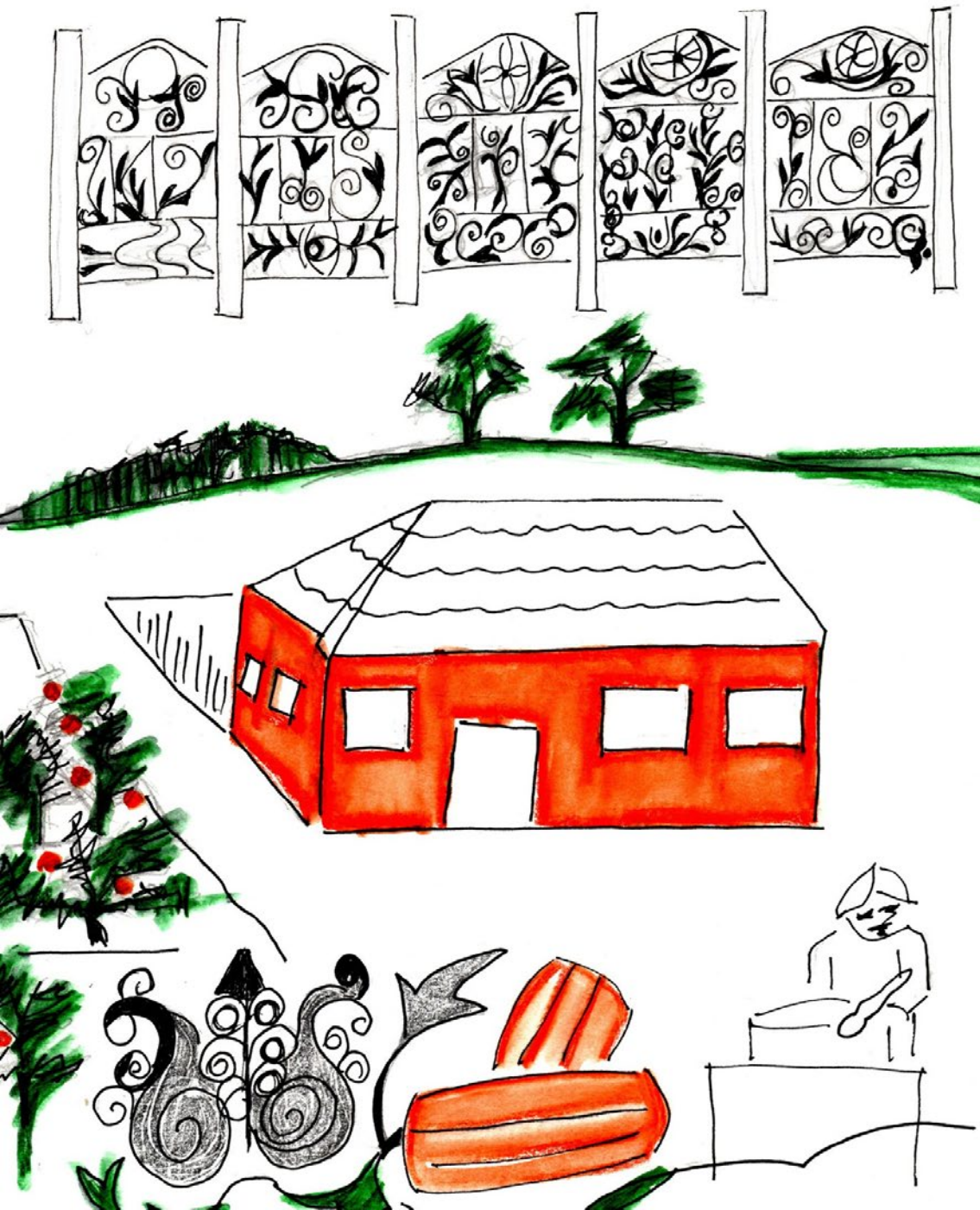
A GRUTA DE OXUM

A terceira parada foi a “Gruta de Oxum”, construída em homenagem à mãe das águas doces, no ano de 1987. Aquele espaço é símbolo das lutas que o povo de terreiro tem travado para ocupar a cidade. As inúmeras depredações relatadas pelo interlocutor Leandro de Xangô são expressões da intolerância religiosa e do racismo estrutural que permeiam as relações raciais em Jaguarão, o que se manifesta nos ataques às expressões religiosas de matriz africana. (KOSBY, 2017). Apesar disso, a presença do monumento ao lado da Ponte Internacional Mauá é fonte de resistência.

A imagem de Nossa Senhora da Conceição está simbolizando Oxum pela prática do sincretismo religioso, dos escravos africanos até os dias atuais.







CERRO DO MATADOURO ALMOÇO NA CASA DA VÓ MARIA

Poema 17

O pequeno limoeiro de
frutas amarelas e
casca grossa
é bom pra gripe
disse a abuela
colhi
e acabei encontrando o paraíso a
casa do campo
é simples
tem o lorde
fumaça
mato
gamerial
cebola
y recuerdos

vamos chegar* de longe
vejo da
estrada miro
desde lejos
o pátio calmo
[faz anos que não tem o
milharal]
corro até os fundos
perto da cacimba
só para ver o limoeiro está
lista
a hora de aprontar o chá

*Lembrança de
Mário Falcão



CLUBE 24 DE AGOSTO

Partimos para o Clube 24 de Agosto, quarta parada. Seu Madruga, presidente do Clube, falou sobre as lutas e resistência ao longo dos cem anos de existência do 24. Este Clube Negro foi fundado em 1918, por um grupo de amigos liderados por Theodoro Rodrigues e Malaquia de Oliveira, muitos desses homens estavam ligados ao exército, porém eram impossibilitados de frequentar os demais espaços festivos, recreativos e de sociabilidade de cidade (NUNES, 2010).



CORTE DO CLUBE 24 DE AGOSTO

Os bailes de carnaval são motivo de orgulho do passado e de projeção para o futuro. No presente, os bailes de domingo têm lugar de destaque entre os eventos promovidos. Com o reconhecimento patrimonial dado pelo Rio Grande do Sul, em 2012, e a constituição do Ponto de Cultura, as demandas de reconhecimento foram direcionadas para a arena do Estado, o que já ocorria desde a fundação, por meio da presença e persistência dos coletivos negros em luta por espaços para sociabilidade e realização de práticas cotidianas. Mais do que isso, cabe aqui ressaltar a importância do lugar para a manutenção da memória e história da cultura negra na cidade.



ÀS MARGENS DO JAGUARÃO

O caminho, percorrido pelas margens do rio Jaguarão, próximo ao Clube 24 de Agosto, contempla a Ponte Internacional Mauá por onde todos os dias circulam pessoas, objetos, alimentos e culturas.

As margens do rio é colorida por barcos que transportam pessoas, objetos e culturas.





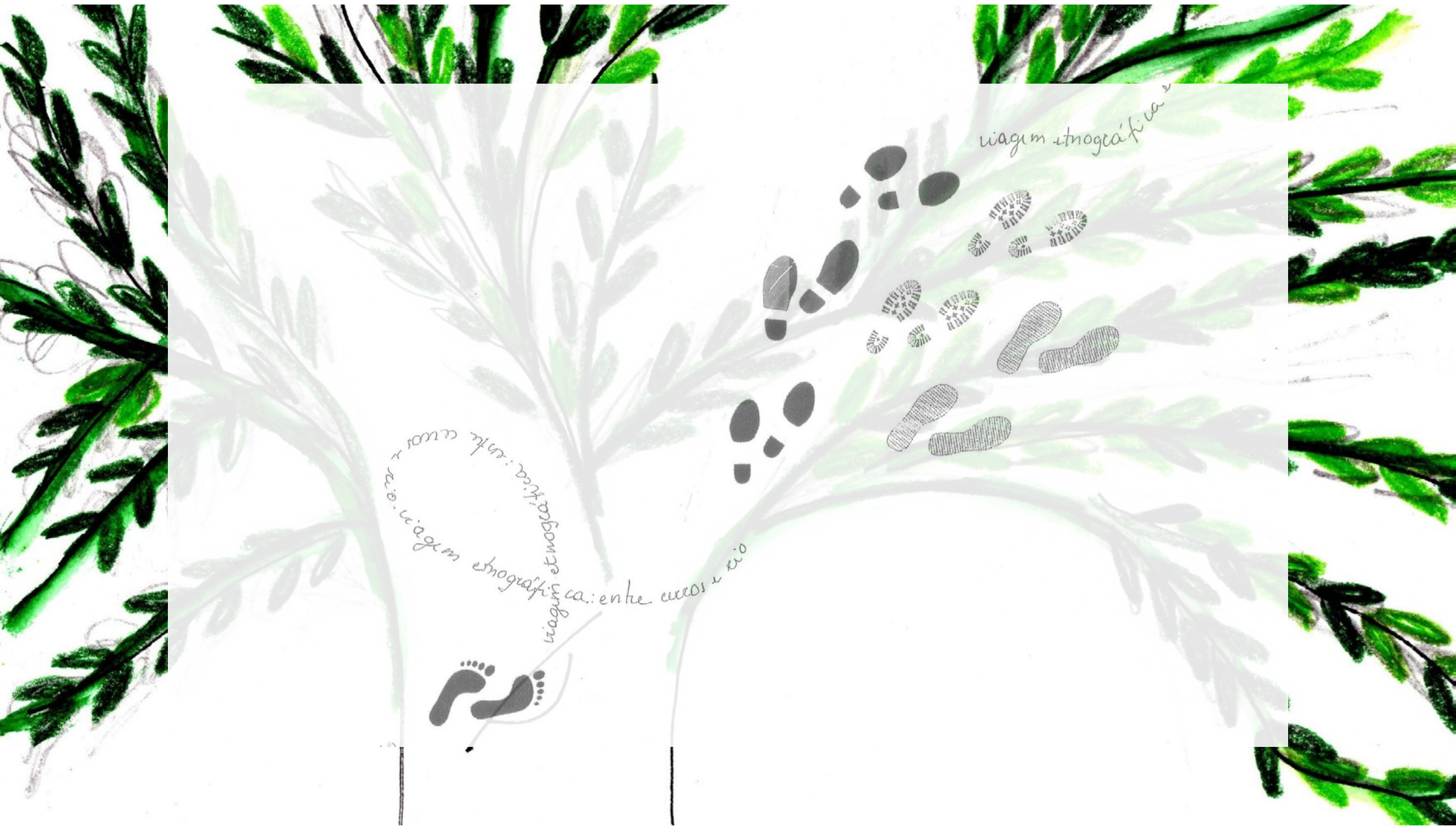


Refletida nas águas a cidade vizinha de Rio Branco, nos remete à palavra *Nosotros*: nós no outro, segundo Aldyr Schlee. A alteridade refletida naquilo que constitui a fronteira, vendo nós mesmos no reflexo do lado de lá do rio e vendo os outros no reflexo do lado de cá, vendo e sendo visto.



AS FIGUEIRAS DO MERCADO

As margens do rio nos levam às figueiras centenárias que circundam o antigo Mercado Público. Ali, a escravidão está presente em toda sua materialidade: os grilhões sempre prontos para prenderem as formas de ser e de estar na cidade.





ILÊ DA MÃE NICE DE XANGÔ

A última parada foi no Ilê Axé Mãe Nice D' Xangô, fundado em 26 Setembro de 1987. Lá, os interlocutores são enfáticos ao relatarem a importância de se afirmar nos espaços públicos, demarcando a negritude na e da cidade. A luta contra o preconceito religioso e racial passa pela necessidade da união e do encontro como motor das práticas do cotidiano.

O terreiro de candomblé traz um combinado de cores, cheiros e sensações, compartilhados por meio da realização de um amalá (comida de Santo), oferecido ao grupo. A ancestralidade que ecoa ali dentro resiste também em cada pedaço de Jaguarão, centenária e construída com a exploração do trabalho escravo, apesar das sistemáticas tentativas de silenciamento.

ILÊ DA MÃE NICE DE XANGÔ





CIDADE HABITADA

A Jaguarão observada é uma Jaguarão em que existem muitos nós: múltiplas formas de ser, de habitar e de estar na cidade. Algumas sutis como uma bruma, outras com a potência de um Rio.

O que interessa aqui é a cidade tão somente conforme ela é praticada. A partir do ponto de vista das comunidades e coletivos negros, é possível identificar novas possibilidades de circulação e de existência pela cidade, acompanhando percursos de vidas marcados pelo preconceito, pela resistência e pela sociabilidade.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO, Louise; RIETH, Flávia. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural. SCHIAVON, C. B.; PELEGRINI, S. (Orgs.). **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios**. Rio Grande: Ed. da FURG, p. 131-147, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. V. 1. Petrópolis: Vozes, 2007.

DAWSEY, John. A grota dos novos anjos mineiros: imagens do campo na cidade. **Revista USP**, São Paulo, v. 69, n. 69, p. 135-148, 2006.

DAWSEY, John. Bonecos da Rua do Porto: performance, mimesis e memória involuntária. **Ilha**, Floripa, v. 13, n. 1, p. 185-219, 2012.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

KOSBY, Marília Floor. **Alma-carçoço: peregrinações com cabras negras pelo extremo sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

NUNES, Juliana dos Santos. **“Somos o Suco do Carnaval”**: A marchinha carnavalesca e o cordão do Clube Social 24 de Agosto. Monografia (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

SCHLLE, Aldyr Garcia. **Contos de Verdades**. Porto Alegre: Editora Ardotempo, 2011.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.



Créditos do Diário

Textos: Joanna Munhoz Sevaio, Vagner Barreto, Juliana dos Santos Nunes, Simone Fernandes Mathias, Patrícia Santos da Rosa, Airton Rodrigues Cardoso.

Desenhos: Flávia Maria Silva Rieth

Fotografia e Poema 17: Juliana dos Santos Nunes

Edição: Flávia Maria Silva Rieth e Juliana dos Santos Nunes

Revisão: Vagner Barreto

